

Benjamin Constant, vida e história: reflexões sobre o fazer biográfico



Benjamin Constant. Fotografia.

Renato Luís do Couto Neto e Lemos

Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Professor do Instituto de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Autor, entre outros livros, de *O diário de Bernardina: da monarquia à República pela filha de Benjamin Constant* (em co-autoria com Celso Castro). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009. renato.lemos@ig.com.br

Benjamin Constant, vida e história: reflexões sobre o fazer biográfico

Renato Luís do Couto Neto e Lemos

RESUMO

Este artigo trata da minha experiência como biógrafo de Benjamin Constant (1837-1891), sintetizando e desenvolvendo algumas comunicações sobre o tema que apresentei em eventos científicos. O meu relacionamento, como autor, com esse personagem ressaltou problemas que a história enfrenta para explicar questões em que as dimensões individual e coletiva dos processos sociais se articulam. Também evidenciou que o historiador precisa fazer opções que o livrem da ilusão de recuperar uma vida passada, mas, também, não diluam o conhecimento sobre ela na subjetividade do biógrafo.

PALAVRAS-CHAVE: Benjamin Constant; biografia; república brasileira.

ABSTRACT

This article discusses my experience as a biographer of Benjamin Constant (1837-1891), synthesizing and developing some communications on the subject that I've presented at scientific meetings. My relationship, as the author, with this personage pointed out problems that the History faces to explain issues linked to the individual and collective dimensions of social processes. Also, it has shown that the historian must make choices that set him free from the illusion of recovering a past life, but, also, don't dilute the knowledge about it in the subjectivity of biographer.

KEYWORDS: Benjamin Constant; biography; Brazilian republic.



Durante a minha defesa de tese de doutorado¹ sobre Benjamin Constant, um membro da banca examinadora concluiu a arguição com uma pergunta não propriamente acadêmica: algo havia mudado em mim após a redação de uma biografia? A resposta pode ser interessante para a discussão dos caminhos que se percorrem na construção do objeto da pesquisa biográfica.

Não cheguei à biografia motivado por qualquer preferência teórica ou pela maré do mercado. Na década de 1990, quando estudei a vida de Benjamin Constant, o gênero biográfico parecia vir sendo revivido, como indicava a ampliação da escala de produção de livros. Na Europa, mais especificamente na França, onde a reabilitação acadêmica da biografia parece ter-se dado nos anos 1960, o fenômeno já fora detectado em fins da década de 1970, relacionado com a explosão da demanda pelo gênero nas universidades e no mercado editorial². Nos Estados Unidos, Grã-Bretanha e na Europa continental como um todo ocorria fenômeno semelhante.

No Brasil, as suas manifestações eram bem mais recentes e mal

¹ LEMOS, Renato Luís do Couto Neto e. *Benjamin Constant – vida e história*. Tese (Doutorado em História Social) – UFF, Niterói, 1997, publicada, com o mesmo título, pela editora Topbooks, Rio de Janeiro, 1999.

² Ver LEVILLAIN, Philippe. Os protagonistas: da biografia. In: RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; Editora FGV, p. 141.

começavam a atingir o mundo acadêmico. As ainda pequenas dimensões da produção universitária nesse campo se explicavam por características predominantes na maioria dos trabalhos biográficos desenvolvidos entre nós a partir do século XIX. A biografia desde então construída por escritores e historiadores, em especial aqueles ligados ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), constituía, basicamente, um conjunto de panegíricos, apologias e mistificações.

Na década de 1960, contudo, a própria movimentação do mundo ocidental forneceu matéria para tornar mais complexas construções desse tipo. A sociedade de massas tornava-se global, padronizando identidades e diluindo o espaço simbólico do indivíduo nos fluxos breves dos jogos de troca de bens descartáveis. A ruína do “socialismo realmente existente” e a momentânea vitória do projeto ideológico burguês neoliberal em fins do século XX não significaram o fim das contradições sociais que sempre geraram perplexidades e indagações sobre o lugar do indivíduo na história. A presente hegemonia dos valores ancorados no culto ao mercado alimenta o individualismo. Órfão da alternativa anti-capitalista socializante e da proteção do “Estado do bem-estar social”, o indivíduo é incessantemente emprenhado de noções que o estimulam a competir, a tornar-se um “vencedor”, a conquistar no presente tudo o que as gerações anteriores levavam meia vida para obter, quando o conseguiam. Emulação alimentada com casos exemplares – empresários, políticos, artistas, escritores, jornalistas etc. – e criadora de uma demanda por informações sobre roteiros individuais de sucesso, que usa a biografia como provedora de informações.

No Brasil, essa função é, hoje, cumprida por publicações ligeiras, jornais e revistas. O estudo histórico-biográfico apenas começa a reconhecer essa demanda, mas já pode tomá-la como ponto de partida e, com seus métodos e questões próprios, propor o debate em torno do potencial da abordagem biográfica como instrumento de explicação dos problemas engendrados pela sociedade. A biografia é uma das portas disponíveis para a entrada nos meandros da sociedade. Pelo uso da abstração como recurso analítico, pode-se partir do indivíduo, como síntese singular de determinações sociais, para a compreensão da sociedade. Como observa E. H. Carr, “não é que a visão do homem como indivíduo seja mais ou menos desorientadora do que a sua visão como membro do grupo; é a tentativa de traçar uma distinção entre as duas que é desorientadora. O indivíduo é por definição membro de uma sociedade ou, provavelmente, de mais de uma sociedade – chamemo-la de grupo, classe, tribo, nação ou que quer que seja”.³

Sendo a distinção entre indivíduo e sociedade, para o método da história, uma questão de abstração, encontra-se uma relação análoga entre a biografia e a história enquanto perspectivas de conhecimento. Segue esta direção a advertência de Carr:

*É tentador fazer uma distinção entre biografia, que trata o homem como individualidade, e história, que trata o homem como parte de um todo, e sugerir que a boa biografia faz a má história. (...) Algumas biografias são contribuições sérias para a história: no meu próprio campo, as biografias de Stálin e de Trotski por Isaac Deutscher são exemplos proeminentes. Outros pertencem à literatura, como o romance histórico (...).*⁴

³CARR, E. H. *O que é história?* 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989, p. 43 e 44.

⁴*Idem, ibidem.*

⁵ TUCHMAN, Bárbara W. A biografia como prisma da história. In: *A prática da história*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1991, p. 70 e 71.

⁶ Fundada em Londres, em 1856, para reunir retratos de britânicos e britânicas famosos. <<http://www.npg.org.uk/home.php>>. Acesso em 29 mai. 2011

⁷ TUCHMAN, Bárbara W, *op. cit.*, p. 70.

⁸ LEMOS, Renato (Organização, transcrição e introdução). *Cartas da Guerra: Benjamin Constant na Campanha do Paraguai*. Rio de Janeiro: IPHAN, 1999.

⁹ Ver MENDES, Raimundo Teixeira. *Benjamin Constant. Esboço de uma apreciação sintética da vida e obra do Fundador da República Brasileira*. Rio de Janeiro: Apostolado Positivista do Brasil, 1891-1894. 2 v.

¹⁰ ORIEUX, Jean. A arte do biógrafo. In: DUBY, Georges *et al.* *História e nova história*. Lisboa: Editorial Teorema, 1986, p. 39.

No ascendente mercado editorial, encontram-se outros usos da biografia. Barbara Tuchman, historiadora e escritora estadunidense de muito êxito comercial, por exemplo, escreveu algumas biografias, mas, segundo ela própria, o indivíduo nunca é o seu objeto: é mais um veículo para descrever uma época, um país e seu estado de espírito ou uma situação histórica. Para ela, a biografia funciona como prisma da história, porque, antes de tudo, atrai o leitor, mas, também, porque “abrange o universal no particular”⁵. E aponta a sua amplitude e longevidade como estilo:

*A National Portrait Gallery*⁶ usa o retrato para mostrar a história. Plutarco, pai da biografia, usou-a a para exemplos morais, para mostrar a recompensa proporcionada ao dever cumprido, as armadilhas da ambição, a queda da arrogância. Seus fatos e anedotas biográficos, artisticamente dispostos em *Vidas paralelas*, destinavam-se a agradar e edificar o leitor, inculcando-lhe ao mesmo tempo princípios éticos.⁷

Já a minha opção pela biografia de Benjamin Constant se deveu a uma conveniência prática de outra ordem. Quando fui trabalhar no Museu Casa de Benjamin Constant (MCBC), no Rio de Janeiro, era doutorando e pretendi estudar o seu patrono no contexto da passagem da Monarquia para a República, segundo o esquema clássico: “Benjamin Constant e a República”. Cheguei a redigir um projeto de tese com essa perspectiva. Eu passei quase um semestre transcrevendo a sua correspondência de campanha durante a Guerra do Paraguai⁸. Portanto, já me aproximava da perspectiva biográfica e, se, como diz o adágio popular, a ocasião faz o ladrão, o mergulho no arquivo privado pode fazer o biógrafo. O pouco tempo de que eu dispunha e o bom senso da orientadora me fizeram concentrar os esforços no arquivo privado de Benjamin Constant – algo em torno de oito mil documentos. A constatação de que o quadro historiográfico relativo à vida de Benjamin Constant era constituído por apenas um estudo original, escrito logo após a sua morte,⁹ me indicou a necessidade de elaborar uma visão sobre ele mais moderna, à luz de questões propostas pelos muitos anos de história que nos separavam.

Essa situação foi consolidada por uma injunção institucional. No MCBC, todos os funcionários, periodicamente, guiavam os visitantes pela exposição permanente. Ligados às mais variadas camadas sociais e etárias, os visitantes constituem um fecundo elemento do circuito de conhecimento que envolve e dá sentido ao Museu. As demandas que eles apresentam, na forma de perguntas de todo tipo, estimulam múltiplos enfoques sobre a questão essencial da relação entre a individualidade do patrono e referências, materiais e simbólicas, pessoais e públicas, de natureza diversa.

A intimidade com registros em que os conteúdos de uma existência singular se revelam ensejou uma experiência análoga à de Jean Orioux, cujas escolhas em matéria de pesquisa biográfica supõem simpatia pelo personagem: “Precisamente porque ele agrada-me, interessa-me, diverte-me, comove-me, pelos seus méritos, pelos seus triunfos, pelas suas misérias, pelas suas grandezas e, até, pelos seus defeitos e, por vezes, pelos seus vícios”¹⁰. Benjamin Constant me despertava curiosidade, conduzia a pontes com questões históricas instigantes e, por último, mas não menos importante, me era simpático. Aliás, durante o exame de qualificação um membro da banca, que havia lido o texto desse autor, me propôs a questão: você jantaria com Benjamin Constant? Como para Orioux os seus perso-

nagens, Benjamin Constant era uma pessoa com quem eu jantaria de boa vontade. Essa refeição simbólica é, talvez, o momento mais delicado na relação com o objeto na pesquisa biográfica. O biógrafo sente-se íntimo de seu personagem, que se confia “em silêncio, ao amigo que se introduziu na sua vida passada”¹¹. Em defesa de sua privacidade, a biografia – o resultado dessa invasão – é a última resistência do biografado, porque ele confunde o biógrafo. Orieux observa: “O retrato de Talleyrand, que nos foi deixado por Chateaubriand, parece-se com um certo Talleyrand, mas parece-se ainda mais com um certo visconde amargo que se chama Chateaubriand”¹².

A constatação desta quase simbiose é, de resto, boa resposta que biógrafos podem dar aos que os acusem de procedimentos positivistas. Por outro lado, deixa o historiador às voltas com o fantasma do subjetivismo. Um paroxismo de identificação me acometeu quando vivia aquela fase em que o doutorando quase respira apenas para pensar na tese. Sonhei que me deparava com Benjamin Constant em um bar de Santa Teresa, bairro carioca em que ele costumava passar temporadas de verão, onde residiu em mais de uma oportunidade e morreu, na casa que se tornaria o museu de que é patrono. O meu objeto histórico trajava bermudas, camisa de mangas curtas e chinelas. Embora já conhecedor de muitas das suas intimidades, foi com certa cerimônia que me aproximei, falei-lhe do meu projeto e pedi uma opinião sobre o trabalho. Acordei antes de uma resposta, mas restou o consolo de saber que já tinha um objeto construído, ao menos no meu universo onírico.

A tarefa seguinte seria a espinhosa operação de trabalhar com materiais resultantes da trajetória consciente de Benjamin Constant, documentos fortemente impregnados de esforços de autoconstrução da sua subjetividade. Refletindo sobre a questão, me veio à lembrança o método intuitivo com que uma personagem do escritor argentino Julio Cortázar, a Maga, entendia as pessoas e suas idéias. Ela achava “enganoso e fácil mesclar problemas históricos, como ser argentino ou esquimó, com problemas como o da ação ou o da renúncia. Tinha vivido o suficiente para suspeitar disso que, a um palmo do nariz de qualquer um, se lhe escapa com a maior frequência: o peso do sujeito na noção do objeto”¹³. Por isso, ela nunca se esquecia de que “a cara de uma pessoa sempre influía na ideia que pudesse fazer do comunismo ou da civilização creto-micênica, e que a forma de suas mãos estava presente no que seu dono pudesse sentir frente a Ghirlandaio ou Dostoiévski”¹⁴. Reconhecer o peso de um sujeito histórico nos objetos e resultados de suas elaborações intelectuais e práticas é operação metodológica essencial para o historiador que com esse sujeito estabelece uma relação de conhecimento. O que a torna muito complexa no caso de que me ocupava era a construção mítica que inseriu Benjamin Constant como herói no imaginário republicano e no campo historiográfico.

A biografia de Benjamin Constant me exigiu, portanto, definições em relação ao porquê e ao como de determinadas questões conjunturais, ligadas à República, de que ele foi elemento de destaque. Parti da premissa de que a antinomia entre indivíduo e sociedade constitui uma falsa questão, por não existir indivíduo fora das relações sociais. A intervenção individual em processos coletivos se dá em condições estabelecidas socialmente e o “grande homem” pode ser entendido como uma expressão de movimentos igualmente sociais. Entretanto, se a história assume a forma de processos massivos, como as crises econômicas e as revoluções, quem os conduz

¹¹ *Idem*, p. 35.

¹² *Idem*, p. 36.

¹³ CORTÁZAR, Julio. *Rayuela*. 12. ed. Buenos Aires: Sudamericana, 1970, p. 32. Tradução minha.

¹⁴ *Idem*, *ibidem*.

¹⁵ ENGELS, Friedrich e MARX, Karl. *La sagrada familia*. Editorial Grijalbo, 1967, p. 159. Tradução minha.

¹⁶ CARR, E. H. *op. cit.*, p. 47.

¹⁷ MARX, Karl. *O capital*. Prefácio à 1ª edição. Livro 1, vol. 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968, p. 6.

¹⁸ Carta a H. Starkenburg, Londres, 25/1/1894. In: MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *Correspondencia*. Buenos Aires: Editorial Cartago, 1973, p. 412 e 413. Tradução minha. Grifos do autor.

¹⁹ CARR, E. H. *op. cit.*, p. 49.

empiricamente é alguém caracterizado como indivíduo, portador de nome, identificação civil etc. Marx e Engels foram enfáticos em relação a isso:

*A História não faz nada, 'não possui nenhuma imensa riqueza', 'não trava nenhum tipo de luta'. Quem faz isso tudo, quem possui e luta, é propriamente o homem, o homem real, vivo; não é, por assim dizer, a 'história' quem utiliza o homem como meio para trabalhar por seus fins – como se tratasse de uma pessoa à parte –, pois a História não é senão a atividade do homem que persegue seus objetivos.*¹⁵

Em certo plano analítico, portanto, a história lida com eventos relacionados com indivíduos, “mas não sobre ações de indivíduos desempenhadas em separado e não sobre os motivos, reais ou imaginários, segundo os quais os próprios indivíduos supõem ter agido. São fatos sobre as relações de indivíduos entre si em sociedade e sobre as forças sociais que, a partir das ações individuais, produzem resultados que nem sempre concordam e, às vezes, se opõem aos resultados que pretendiam”¹⁶.

Contudo, trabalhando em outro plano de abstração – o das leis gerais do modo de produção capitalista –, Marx trata os indivíduos como personificação de categorias sociais:

*Não foi róseo o colorido que dei às figuras do capitalista e do proprietário de terras. Mas, aqui as pessoas só interessam na medida em que representam categorias econômicas, em que simbolizam relações de classe e interesses de classe. Minha concepção do desenvolvimento da formação econômico-social como um processo histórico-natural exclui, mais do que qualquer outra, a responsabilidade do indivíduo por relações das quais ele continua sendo, socialmente, criatura, por mais que, subjetivamente, se julgue acima delas.*¹⁷

A determinação histórica da ação individual em processos coletivos está formulada de maneira precisa no bem conhecido texto de Engels, para quem o chamado grande homem cumpre o papel que a história lhe atribui:

*Os próprios homens fazem sua história, mas até agora não a fazem com uma vontade coletiva ou segundo um plano coletivo (...). Seus esforços se entrecrocaram e por esta mesma razão todas essas sociedades são governadas pela necessidade, que é complementada por, e aparece na forma de acaso. (...) É aqui onde intervém a questão dos chamados grandes homens. Que tal ou qual grande homem, e precisamente esse grande homem, surja em um momento determinado em um país dado é, obviamente, puro acidente. Mas, suprimamo-lo, e se necessitará de um substituto, e este será encontrado, bem ou mal, porém em geral será encontrado. O fato de que Napoleão, precisamente esse corso, fosse o ditador militar que a República Francesa, esgotada pela sua própria guerra, se havia feito necessário, foi um acaso, mas se não houvesse existido Napoleão, outro teria ocupado o seu lugar, como o demonstra o fato de que sempre se encontrou o homem tão pronto foi necessário: César, Augusto, Cromwell etc.*¹⁸

Em outras palavras, como propõe Carr, o “essencial é reconhecer no grande homem um indivíduo proeminente que é ao mesmo tempo um produto e um agente do processo histórico, ao mesmo tempo representativo e criador de forças sociais que mudam a forma do mundo e os pensamentos dos homens”¹⁹.

Benjamin Constant – homem e grande homem

O grande homem de que trato aqui é Benjamin Constant Botelho de Magalhães, nascido em Niterói (RJ), em 9 de fevereiro de 1837. Ele fez carreira no Exército, tendo alcançado a patente de tenente-coronel, mas chegaria a general “por aclamação” nos primeiros dias da República. Lecionou matemática em várias instituições, como o Imperial Instituto dos Meninos Cegos, a Escola Normal, a Escola Politécnica, a Escola Militar e a Escola Superior de Guerra, todos no Rio de Janeiro. Tinha vinte anos de idade quando conheceu o positivismo, doutrina filosófica, religiosa e política, com vocação para o republicanismo, que, no entanto, o atraiu em especial pela importância que, em sua vertente cientificista, conferia à matemática. Um dos primeiros e mais importantes divulgadores da doutrina no país, transmitiu-a para a juventude militar que passava por suas classes, contribuindo decisivamente para que ela se tornasse republicana. Em 1889, esteve na linha de frente da conspiração civil-militar que resultou na deposição da Monarquia. Em seguida, integrou o Governo Provisório republicano (1889-1891), nos cargos de segundo vice-presidente e ministro da Guerra e da Instrução Pública, Correios e Telégrafos. Foi, portanto o primeiro ministro da Guerra da República e o primeiro ministro da Educação do país. Morreu em 22 de janeiro de 1891, um mês antes da promulgação da primeira Constituição republicana. Declarado Fundador da República pelos constituintes então reunidos, os registros de sua vida seriam reinterpretados de maneira teleológica, visando apontar qualidades que o encaminhavam necessariamente para esse lugar heróico.

Falar de sua vida é, portanto, bulir com um herói. E mexer com heróis não é tarefa de pouco risco. Qualquer observação não laudatória que se faça pode ser entendida como manifestação de cinismo, e o observador, taxado de invejoso. Pelo menos, é essa a advertência que faz o escritor japonês Yukio Mishima, um defensor da versão oriental da máxima latina *mens sana in corpore sano*:

O cinismo que encara todo o culto do herói como coisa ridícula está sempre tingido por uma sensação de inferioridade física. Sempre é o homem que se sabe falto de atributos heróicos aquele que fala do herói com desprezo e zombaria; e quando o faz, sua fraseologia, de uma lógica ostensivamente universal e geral, não fornece uma indicação sobre suas características físicas. Que falta de sinceridade! Ainda estou para ver o culto do herói ridicularizado por alguém dotado com o que poderíamos chamar de atributos físicos heróicos. O cinismo fácil, invariavelmente, está relacionado com músculos débeis ou obesidade, enquanto o culto do herói e um poderoso nihilismo estão sempre relacionados com músculos bem treinados.²⁰

Naturalmente, as reflexões que aqui faço sobre o herói Benjamin Constant guardam total independência da minha situação atlética, ainda que reconheça nesta variável um elemento explicativo a ser valorizado em outras circunstâncias. Aliás, a própria condição física de Benjamin Constant se distanciava tanto da equação mente sã/corpo são que desestimularia, no nascedouro, qualquer perspectiva cínica ou debochada. Do alto do seu 1,65 m, ele passou a metade da vida em busca da saúde perdida nos pântanos paraguaios durante a Guerra da Tríplice Aliança (1865-1870). A cama em que dormiu, a camisola, a farda, a sobrecasaca preta com que costumava

²⁰ MISHIMA, Yukio. *Sol e aço*. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986 [primeira edição japonesa em 1970], p. 40 e 41. Yukio Mishima (1925-1970), cujo nome verdadeiro era Kimitake Hiraoka, foi praticante de artes marciais e matou-se em suicídio ritual (seppuku) como protesto contra a desnacionalização cultural do Japão e pelo retorno do país às condições anteriores a 1945.

²¹ Os objetos de uso pessoal se encontram expostos no Museu Casa de Benjamin Constant, no Rio de Janeiro.

²² Ver, a propósito, FINLEY, M. I. *El mundo de Odiseo*. 2. ed. México, D. F.: Fondo de Cultura Económica, 1996, cap. 2.

²³ Cf. COSTA, Jurandir Freire. *Anais do I Seminário sobre Museus-Casas*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1997, p. 85. Sobre a função pedagógica do mito na cultura grega clássica, ver JAEGER, Werner. *Paideia*. A formação do homem grego. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

se vestir...²¹ tudo sugere um homem de dimensões físicas pouco assemelhadas, por exemplo, aos heróis de Homero – quase super-homens ²² –, e que, pelos padrões atuais, certamente, não despertaria qualquer sensação de inferioridade física em eventuais críticos do culto ao herói.

Na verdade, o próprio Benjamin Constant desenhou de si uma imagem muito pouco heróica, resultado de uma trajetória de vida interpretada como uma sucessão de situações adversas, das quais saiu derrotado por imposição do destino. Aos doze anos, viu o pai morrer de tifo e a mãe enlouquecer. Acusou o golpe, tentando o suicídio nas águas de um rio, de onde foi retirado pela iniciativa providencial de uma lavadeira escrava. Era 18 de outubro, e esta data passou a ser comemorada em família como o seu aniversário. Claramente, fixou-se a idéia de que era um renascido. Iniciava-se, em meio à família, uma narrativa mítica da sua existência.

Encontrou-se, de um momento para outro, na condição de arrimo de uma família constituída por sua mãe, três irmãos e uma tia idosa. Para levar a vida, contava com a minguada pensão da mãe e o auxílio de amigos. Optou muito cedo pela carreira militar, de maneira a obter instrução de nível superior e acréscimo na renda familiar. Também precocemente, começou a lecionar; como explicador particular, de início e, depois, em escolas. Tentou várias vezes o ingresso no magistério oficial, mas só o conseguiu depois vencer sucessivos concursos e não ser contratado. Este roteiro foi compreendido por ele próprio como evidência de que era um desprotegido, um desprovido de apoios numa sociedade regida pela patronagem.

Apesar de tais indicações apontarem para um homem comum, pode-se encontrar um componente épico naquilo que projetou a imagem de Benjamin Constant na história. A tensão entre a necessidade histórica e o acaso sintetiza as condições da explicação do seu papel em processos coletivos. A historiografia consagrou a imagem de um pacato professor que se transmudou durante certos episódios. Afrontando o ministro da Guerra em cerimônia pública oferecida a uma delegação militar estrangeira. Tomando, no curso das chamadas questões militares da década de 1880, a iniciativa de negociar saídas para a crise de relacionamento entre setores do Exército e o governo. E, por fim, articulando o golpe que, em 1889, liquidou a Monarquia. Uma vez no poder, o pacato professor viveu a glória do triunfo conquistado e o momento de iniciar a obra de construção de uma nova sociedade. Como membro do Governo Provisório, e titular de duas pastas ministeriais, foi, com Deodoro da Fonseca, um dos condestáveis do novo regime, e assim o reconheceram os seus pares e o público em geral. Saudado pela massa republicana como herói, pareceu ter, enfim, ajustado contas com o caiporismo.

O exame do culto deste herói não tem de ser conduzido exclusivamente por hipóteses denunciadoras de funções alienantes das narrativas míticas que o envolvem. A figura do herói se presta a tudo, inclusive, pelo recurso da atribuição de exemplaridade a determinadas pessoas, a projetos político-pedagógicos que impliquem a revisão permanente do panteão nacional²³. O lugar de cada figura exemplar se esclarece em suas conexões com a história da formação social que a produz. O herói mítico constitui uma área de interseção de movimentos de longa duração, que lhe conferem a estrutura, e constrangimentos conjunturais, que o atualizam e lhe imprimem movimento. Pode-se entender por aí a transformação de Benjamin Constant, professor pacífico e apolítico, em temerário líder de

jovens republicanos que, vivendo a crise geral da Monarquia, buscavam quem os conduzisse no movimento que provocaria a mudança de regime.

Pode-se especular sobre os caminhos que os processos coletivos em que Benjamin Constant interveio teriam seguido se ele não tivesse existido. Peter Berger, um tanto cético, leva este tipo de especulação ao absurdo, introduzindo o acaso como determinante histórico. Imagina ele: “É possível que o acontecimento decisivo na história do homem neste planeta tenha ocorrido numa tranquila tarde do ano 2045 AC, quando um sacerdote egípcio despertou de sua sesta e de repente percebeu a resposta final ao enigma da existência humana – e imediatamente morreu sem nada dizer. Talvez tudo que desde então aconteceu não passe de um poslúdio inconseqüente”²⁴.

As sextas imaginárias de Benjamin Constant pertenciam a um roteiro de vida estruturado de maneira trágica, com ponto de partida na perda do pai (física) e da mãe (simbólica), desde então definitivamente perturbada emocionalmente, e permanentemente em luta contra o destino. Arrimo de família, vai transformar-se em militar sem vocação e professor apaixonado, bacharel-fardado que faz da conquista da segurança para a família a motivação de uma carreira pouco ambiciosa quanto a destaque público. Na verdade, apenas um chefe de família preocupado em não reproduzir a situação criada pela morte de seu pai. Que se cercou de seguros sociais, filiando-se a cerca de dez instituições deste tipo. A preocupação com a segurança material, sua e da família, era o eixo de sua existência. O compositor Gilberto Gil²⁵ parece ter-se inspirado nele em “Ele falava nisso todo dia”.

*Ele falava nisso todo dia
A herança, a segurança, a garantia
Pra mulher, para a filhinha, pra família...
Falava nisso todo dia.
Ele falava nisso todo dia
Ele falava nisso todo dia
O seguro da família, o futuro da família,
O seguro, o futuro...
Falava nisso todo dia.
Ele falava nisso todo dia
A incerteza, a pobreza, a má sorte,
Quem sabe lá o que aconteceria
A mulher, a filhinha, a família desamparada
Retrata a carreira frustrada de um homem de bem.
Ele falava nisso todo dia
Ele falava nisso todo dia*

*O seguro de vida, o pecúlio, era preciso toda a garantia.
Se a mulher chora o corpo do marido
O seguro, o pecúlio darão a certeza do dever cumprido.
Ele falava nisso todo dia
Ele falava nisso todo dia
Se morresse ainda forte
Um bom seguro era uma sorte prá família
A loteria
Falava nisso todo dia.*

²⁴ BERGER, Peter I. *Perspectivas sociológicas*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1976, p. 67.

²⁵ “Ele falava nisso todo dia”. Gilberto Gil, 1968. Gege Edições Musicais Ltda.

²⁶ ASSIS, Machado de. Último capítulo. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1959, v. 2, p. 380.

²⁷ LE GOFF, Jacques. *Reflexões sobre a história*. Lisboa: Edições 70, 1986, p. 61.

Era um rapaz de 25 anos
Era um rapaz de 25 anos
Hoje ele morreu atropelado em frente à companhia de seguros
Oh! Que futuro
Oh! Um rapaz de 25 anos...

A música se distancia da figura de Benjamin Constant apenas em relação ao destino de seu personagem. Peter Berger acharia razoável afirmar que teriam sido outros os rumos daquelas conjunturas se Benjamin Constant, com a idéia fixa na segurança material, tivesse, como o rapaz da canção, morrido aos 25 anos, atropelado por um tálburi à porta do Montepio Geral de Economia dos Servidores do Estado.

Benjamin Constant viveu mais 32 anos que o rapaz da canção. Entretanto, não conseguiu libertar-se de uma auto-imagem marcada pelo momento fundador da sua identidade. Tinha absoluta convicção de ser perseguido pelo azar, um caipora, como se dizia à época, que bem poderia ter-se lamentado como um personagem de Machado de Assis que se explicou assim: “O caiporismo foi comigo, na garupa do burro, e onde eu me apeei, apeou-se ele também”.²⁶

Entretanto, o caipora Benjamin deixou marcas significativas em vários aspectos da formação social brasileira. A disseminação do positivismo na sociedade brasileira se deveu a suas inclinações pessoais. Por outro lado, as dificuldades que os positivistas ortodoxos encontraram para expandir-se no Brasil estão vinculadas à dissidência que ele abriu contra a direção centralista da Sociedade Positivista do Rio de Janeiro. A história do ensino primário da cidade do Rio de Janeiro, na última década do Império, registra a sua presença: organizador e diretor da primeira Escola Normal da corte, foi positivista o programa de estudos que formou a leva de professores primários cariocas que se seguiu. Professor, durante muitos anos, nas escolas Politécnica e Militar, foi igualmente positivista a orientação que imprimiu às aulas que dava a futuros engenheiros e oficiais. Reflexos disso podem ser encontrados nas questões militares da década de 1880 e no ano I da República, que têm na sua imagem pública de cidadão eticamente insuspeito – que lhe permitiu exercer influência fundamental na formação ideológica da juventude republicana –, um dos principais elementos explicativos. Os conflitos que polarizaram tendências autoritárias e democráticas no interior do Governo Provisório também não se explicam sem a sua presença protagonista, agora não como positivista, mas como defensor da reconstitucionalização imediata do país, posição combatida pelos defensores da ortodoxia fundada por Auguste Comte.

Comte, a quem Benjamin Constant venerava, dizia que o mundo dos vivos é governado pelos mortos. Transformado em elemento simbólico de mobilização política, Benjamin Constant foi um trunfo para uma corrente militar-civil nas disputas políticas dos primeiros anos da República. E, até hoje, cumpre o papel de referência em discussões de aspectos filosóficos, pedagógicos e militares da nossa história que geram partidarismos. Do Panteão dos mortos célebres onde habita, continua, de fato, influenciando o processo histórico.

Esta presença *post mortem* não constitui uma simples sobrevivência, até porque, como observa Jacques Le Goff, “em história se vive e não se sobrevive; quando muito, muda-se (...)”.²⁷ Ativo simbolicamente, Benjamin

Constant está vivo. Ensombrecida pela mitificação, sua vida é com, frequência, expulsa da história.

A linhagem intelectual positivista foi a maior responsável pelo obscurecimento do impacto da sua individualidade na sociedade brasileira. O primeiro passo foi dado quando da aprovação, na Assembléia Nacional Constituinte, da moção que a bancada positivista apresentou declarando-o Fundador da República, operação que esvaziou de historicidade o evento. Em seguida, a biografia redigida por Teixeira Mendes, embora fizesse restrições quanto à qualidade da compreensão do positivismo que Benjamin Constant alcançou, lançou os alicerces da sua monumentalização. Suas páginas foram a matéria-prima de construções biográficas de um ente predestinado a vencer todas as dificuldades que o azar lhe impôs para consagrar-se como herói republicano.

A existência simbólica assim elaborada indica uma forma como a sociedade dá vida ao seu morto. Sob a inspiração de uma poeta, pode-se dizer que a vida de Benjamin Constant se tornou história pelo que fez e – talvez mais – pelo que não fez. Que dele aqui se cuida, porque, morto há tanto tempo,

*Resta sua forma ausente e dominante
que disputa um lugar à circunstância.
Resta o que disse e – mais – o que não disse
e que soa aumentado na distância.²⁸*



Artigo recebido em abril de 2011. Aprovado em junho de 2011.

²⁸ PALLOTTINI, Renata. O falecido. In: *Chão de palavras*. São Paulo: Círculo do Livro, s. d., p. 70.